

Contribuição para o estudo dos jogos populares de Quintã (Campeã) — Vila Real

Quintã é uma aldeia trasmontana onde se vive do cultivo da terra e da criação de gado bovino. Situada na zona planáltica de entre Marão e Albão, faz parte da região de Campeã. Sofreu a influência dos costumes minhotos, porque o Marão não impedira a boa vizinhança da gente de «Trás da Serra». Também ali se sabe alguma coisa da vida dos durienses, pela relativa proximidade e intercâmbio.

A cultura tem asas e cinge os povos com um muito amplo abraço.

Na sequência de alguns trabalhos que sobre os jogos populares de Quintã publiquei in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, no fascículo II e III do Vol. XXIII, pág. 289, *Notas Etnográficas de Quintã*, onde se fala do jogo do Nicho; no fascículo I do Vol. XXIV, pág. 172, — *Como se joga o fito em Quintã*; no fascículo III, Vol. XXIV, pág. 548, *O jogo da bola em Quintã*, que por seu cunho especial de verdadeiro espectáculo cheio de movimento e arrebatador do público, merece não se deixar cair no olvido.

Surge agora a ocasião de escrever acerca de mais um jogo.

O JOGO DO MALHÃO

Este *Jogo do Malhão* tem sido um dos desportos mais usados em Quintã.

E é, nada mais, nada menos, do que uma modalidade do lançamento do peso.

Cada terra tem seu uso, e cada roca tem seu fuso.

De jogo universal, passa em Quintã a ter de singular, pelo menos, a nomenclatura.

Neste Jogo do Malhão, o mais usual, em Quintã é a utilização de uma simples pedra, por ser elemento sempre à mão.

Dá este jogo servir de entretenimento a qualquer hora, em qualquer sítio onde a disponibilidade dos trabalhos do campo o permita.

A bola de ferro também se usa.

O ferro é no entanto considerado o elemento primacial, quando se juntam os melhores atiradores, aos domingos de tarde, para, a sério e a valer, experimentarem forças, beberem uns copos de vinho e mostrarem ao público as suas habilidades.

O ferro é uma barra cilíndrica, com cerca de um metro de comprimento e o peso de quatro a cinco quilos.

O JOGO EM SI

Marca-se no chão o lugar onde se devem assentar os pés para dali atirar o que vai ser arremessado.

Esse lugar marcado denomina-se «o posto».

Ali o jogador, de pernas abertas e os pés bem assentes e afastados 60 a 65 cm, procura ajustar-se a posição bem firme e perfeitamente equilibrada.

Depois balanceia o ferro, agarrando-o bem no meio, tanto pelo lado direito como pelo esquerdo.

O balanço é feito uma ou mais vezes, para em seguida o ferro ser atirado a toda a força, equilibradamente e com toda a prudência devida, para não fugir às normas do jogo, que são as seguintes:

O arremesso deve ser feito mantendo-se o jogador na sua posição correcta bem equilibrada.

Não deve mexer-se os pés e muito menos pisar o risco do posto ou tocar com os pés na vara que tem moedas postas em cima.

Os dois pés, geralmente, ficam firmes, parados, ou quase nada mexidos com as biqueiras do calçado a razar o risco do posto sem o pisar.

É de regra no lançamento, não perder o equilíbrio do corpo. Se alguém tocar com a mão no chão, já o lançamento não vale.

À frente do posto coloca-se uma vara com moedas sobre ela. No caso de se tocar na vara com os pés, o lançamento fica invalidado, desde que alguma das moedas caia ao chão.

Embora em algumas regiões se usem outras modalidades deste desporto, por exemplo o seu lançamento por entre pernas, aqui foi sempre feito de pé, a toda a força de extensão do braço acompanhada de torção do tronco.

Os intervenientes vão «atirando» à vez, uns em seguida aos outros:

«Agora sou eu a «atirar»...

Quando são muitos, demoram bastante tempo a «correr a roda» e ninguém gosta de perder a sua vez de atirar.

Tardes inteiras se passam neste agradável desafio.

Quando a competição desportiva envolve o apuramento do melhor «jogador do malhão» de toda a área regional, então a preceito se fazem as coisas.

As moedas são o fiel do toque.

Numa competição destas, usa-se, como objectos do lançamento, o ferro. Este deve ter aproximadamente um metro, que se for mais comprido pode magoar as pernas de quem o atira.

O ferro é agarrado com a mão direita e bem a meio, jogando-se ou lançando-o com a preocupação de ele seguir a sua trajectória a prumo, cair de bico e tombar ao para lá.

Para a medição do «ponto» feito, isto é, da distância alcançada, conta ao cair no chão, a ponta do ferro que ficar mais recuada.

Cada concorrente marca com uma pedrinha ou um pauzinho espetado no chão, o ponto do seu melhor tiro.

Não há dúvida de que a força muscular é importante; mas o jeito tem a sua especial influência.

O melhor atirador do malhão, de que fala a tradição local, é o António Augusto Clemente, de Quintã. Começou logo de

pequeno a apaixonar-se por este desporto. Já o seu pai era um bom desportista, dotado de força e jeito.

O António Augusto assim conta as suas vitórias.

«A primeira vez que ganhei o prémio, foi na Feira da Campeã, no leilão que os mordomos da festa da Santa Ana fizeram, aí pelo Maio, no domingo em que ergueram o mastro. Era mordomo o António Dias de Pepe. Foi em 1951.

Eram mais seis concorrentes ao prémio: O Jaime de Beçãozinho, o Manuel Grande de Vila Cova, que já morreu, o Nelson Goivinhas também de Vila Cova, o José Frutuoso de Beçãozinho e o Cantoneiro da Granja, que, na ocasião morava em Pousada. O prémio foi um galo.

Logo adiante, pela festa da Senhora da Serra, em Julho, houve outra disputa em Pousada.

Voltei a ganhar, ficando em segundo o Grande de Vila Cova. Também concorreu o Cantoneiro da Granja e o Chico Augusto de São Miguel da Pena. Era o segundo galo que ganhava.

No lugar da Foz, noutra competição, ganhei outro galo.

Era eu, o Albertino, o Mário da povoação de Currais e o Luzziário de Gontães.

Em Serarelhos, voltei a ganhar, sendo mais os seguintes concorrentes: o Albertino de Quintã, o Mário de Currais, o Joaquim Bogalhoça da Pena e Angelo Barroia, também da Pena. Lesto em Maio de 1960.

Juntei três galos na capoeira a cantar ao desafio.

Na Granja o prémio que ganhei foi um cabrito. Pagou-o a Comissão de Festas.

Era eu, o Eduardo Martins de Gontães, o Chico Martins de Gontães, e o Silvestre de Arrabães.

Com um ferro de quatro quilos e meio, fiz um lançamento de vinte metros. Agora, com cinquenta anos, só... doze metros!

Em Beiriz era costume experimentarem a força com um rebole de pedra que estava à porta da Capela. Quem o levantasse do chão um nadinha, já fazia vantagem.

Eu ia lá todas as noites experimentar forças.

Levanteio-o quase até ao ombro. Pesava onze arrobas com cinco quilos, ou seja: 170 quilos.

Como a gente andava sempre nisto, não custava nada».

CONCLUSÕES

Além de servir de passatempo, o *Jogo do Malhão*, que é um excelente exercício muscular, presta-se a desafios de competição.

O exemplo dos homens arrasta os mocitos e até as próprias crianças que de pequeninas se vão treinando naquilo que vêem fazer à gente grande.

De passatempo, não deixa de transitar a renhida competição para o apuramento do mais valente.

A tradição popular conserva nos anais da memória a lembrança dos grandes atletas aos quais sempre se rendeu um certo culto de veneração.

Esses valentões, não tendo entre o povo quem os premeie, sentir-se-ão recompensados pela coroa dos louros da sua fama. Aí residirá para eles, a melhor e a única paga. Um certo temor e respeito os envolve numa espécie de aura de gigantes, transportando-os ao nível dos homens consagrados pela lenda.

A felicidade de alguns homens pode estar dependente destas pequenas — grandes coisas, com o natural orgulho de serem dos primeiros.

SUMMARY

The Play of the Malhão is a sportive activity used at Quintã, a small village of Vila Real district.

This game, called Malhão is similar to putting of theweight.

One use the iron a cilindric bar. Astone is sometines used instead, or, more rarely, an iron ball.

The rules are very simple.

ANTÓNIO DA EIRA *

* Bairro do Agro Velho, casa n.º 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.